

6 – [RELATÓRIO DE REGÊNCIA DE CLASSE]

(LICEU DE GIL VICENTE)

[Lisboa, 1935]

Classes e disciplinas que regi

*F*ora-me destinado no princípio do atual ano letivo (1934/35) serviço no Liceu de Gil Vicente, Lisboa, nas seguintes classes:

- primeira,
- terceira,
- sexta,
- sétima.

Na primeira classe regi as disciplinas de Ciências da Natureza na turma A e na turma D. Na terceira classe regi Português na turma B. Na sexta classe regi Geografia nas turmas A, B e C do Curso Complementar de Ciências e na turma do Curso Complementar de Letras. Na sétima classe regi igualmente Geografia nas turmas A e B do Curso Complementar de Ciências.

Os métodos adotados

1.^a CLASSE

O ensino das Ciências da Natureza, na primeira e na segunda classe dos liceus, tem de ser mais um conjunto de conhecimentos tendencialmente científicos do que uma disciplina rigorosamente científica a ensinar a crianças sem os mais rudimentares hábitos de precisão e observação.

Pareceu-me, portanto, e em função já da prática anterior de tal ensino, já do conhecimento teórico da pedagogia, que seria muito mais útil ao ensino e ao aluno se, em vez e me propor ensinar no velho sentido, isto é, expor e exigir o exposto sem preocupações de compreensão daquele que reexpõe, procurasse de preferência iniciar o aluno numa atividade que tendesse essencialmente para a observação, para a expressão rigorosa daquilo que se observa e, sempre que possível, para a reflexão sobre os dados que constituíam a matéria de ensino, ou seja, sobre a Natureza. Mais do que ensinar os conceitos difíceis das Ciências Naturais, interessou-me primeiro alargar o universo da criança mostrando-lhe em extensão a vastidão do mundo em que vivia e depois dar-lhe os elementos necessários para a compreensão das realidades que o formavam. O método para isso tinha de ser mais endógeno do que exógeno. Assim, procurava a expressão vulgar de qualquer fenómeno que a criança me trazia da sua vida de relação, em geral expressão incorreta e unilateral, senão muitas vezes completamente errada. Procurava ainda que o aluno exprimisse conceitos de fenómenos análogos e então não era difícil fazer-lhe notar a contradição que eu exageradamente punha em evidência para o levar, por si próprio, à correção do erro agora compreendido.

Por este motivo, a maior parte das minhas aulas e das explicações feitas teve origem na correção das opiniões vulgares acríticas de que os alunos eram portadores. Quase todas as aulas de iniciação cosmográfica tiveram origem na correção de fenómenos mal observados pelos alunos. O mesmo no capítulo de iniciação geográfica em que me socorri, quase sempre, de passeios e excursões feitos pelos próprios.

A alimentação dos alunos (constituição do pequeno almoço, do almoço e do jantar) deu-me possibilidades de explicar totalmente (dentro das exigências do programa) alguns capítulos de zoologia e botânica. O estudo dos animais domésticos e de plantas vulgares teve [o seu] princípio na descrição dos animais que pertenciam aos alunos e das plantas dos jardins que eles conheciam ou frequentavam.

É evidente que adotando este método não pus de parte, em nenhuma das lições, o programa exigido. Antes pelo contrário, não seguindo muitas vezes a ordem das rubricas no programa, procurei não só cumpri-lo mas ainda, o que se me afigura muito mais importante, fazê-lo compreender.

Como exemplo e para concretizar os pontos de vista acima expostos transcrevo o seguinte e talvez elucidativo esquema:

Pergunta: — *De que constou o seu pequeno almoço?*

Resposta possível: — *De leite e pão com manteiga.*

Daqui partia a lição que transcrevo nos seus traços mais gerais:

LEITE

- RELAÇÕES ENTRE O LEITE E A MANTEIGA.
- ANIMAIS PRODUTORES DE LEITE.
- DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS COM OUTROS ANIMAIS.
- A VACA: DESCRIÇÃO, VIDA E ORGANIZAÇÃO INTERNA.
- ALIMENTAÇÃO E CONFORMAÇÃO DO SEU APARELHO DIGESTIVO.
- UTILIDADE DA SUA CARNE, DA SUA PELE, ETC...
- OUTROS ANIMAIS ÚTEIS. ETC., ETC...

PÃO

- DIVERSOS TIPOS DE PÃO.
- PREPARAÇÃO DO PÃO.
- O TRIGO, O MILHO.
- CARACTERÍSTICAS DAS PARTES CONSTITUINTES DESTAS PLANTAS.
- OS SEUS FRUTOS E OS CUIDADOS DA SUA AGRICULTURA.

3.^a CLASSE

O ensino de Português, na terceira classe, é continuação do ensino feito nas classes anteriores e iniciação de novos métodos sobre a matéria estudada. As observações ao programa põem bem em evidência que além do aspeto gramatical importa o desenvolvimento nos alunos da capacidade de interpretação e reflexão sobre os textos lidos. Além disso, o estudo do Latim e ainda de outras matérias deve ser utilizado pelo professor de Português para alargar e aprofundar, na medida do possível, o universo intelectual e moral dos alunos.

Eis o ponto de vista que mais me interessou na regência desta turma.

As noções de gramática que os alunos sabiam tinham chegado até ao terceiro ano como nomes a justapor a coisas que, na maior parte das vezes, não eram completamente bem compreendidas. Antes, pois, de dar um conteúdo positivo às lições de Português era necessário rever e aprofundar todo o cabedal de noções que os alunos repetiam. À medida que as antigas noções, já mecanicamente fixadas, apareciam a interpretar as novas leituras, era necessário interpor *porquês?* que tornassem compatíveis essas noções com a clareza e precisão agora necessárias a alunos que começavam a manifestar os primeiros vagidos de seres pensantes.

Tal palavra é um advérbio, assim classificada por todos os alunos, mas é preciso levá-los à reflexão sobre tal nomenclatura. Porque se chama advérbio? A uma resposta incorreta ou pouco precisa nunca opus imediatamente a correção necessária. Suponho tal método o pior possível. Começava por considerar a definição errada como mais ou menos verdadeira e depois aplicava-a a outros domínios da realidade mais bem conhecidos do aluno. Esperava então que ele notasse e sentisse a incorreção flagrante da sua definição. Se o aluno, de facto, o conseguiu, está finda naturalmente a ação do professor com o melhor dos resultados: encontro do aluno consigo próprio, intuição que lhe é dada pelo pleno acordo do seu pensamento, ainda moroso e gaguejante, com a realidade que ele sente quase sempre fugidia e quase sempre inimiga. Se o método, à primeira extensão da definição feita pelo professor a outros domínios, não deu resultado, não é ainda isso motivo para abandonar o método. Outros exemplos

devem ser propostos para que o aluno, como caçador confiante, atinja plenamente a pretendida evidência. Creio ser este o melhor método para levar o aluno à reflexão e à expressão correta, quer escrita quer oral.

Ao mesmo [tempo] que o aluno se iniciava nestes difíceis domínios ainda não antevistos, talvez, nos seus dois anos anteriores de curso liceal, servia-me da seleta para lhes mostrar como os autores lidos, quer poetas quer prosadores, tinham bem atingido aquilo que pretendia dos alunos. Além da leitura na aula e da consequente interpretação de sentido fazia algumas anotações de ordem estética e moral acessíveis à inteligência, que eu sentia ávida, destes trinta e tantos rapazes.

Quer-me parecer que o método aqui exposto sucintamente e que por isso não pode sugerir a espontaneidade criadora de ideias que certamente despertou nestes jovens ouvintes foi o melhor para a realização daquilo que as bem pensadas palavras, publicadas no *Decreto n.º 24.526* como observações ao estudo do Português no segundo ciclo, pretendem exprimir:

a distinção fundamental entre o que mais importa e vale e o que é secundário.

Uma coisa há, porém, que eu devo declarar neste relatório: não me foi possível, em virtude do método adotado, fazer rigorosamente exercícios quinzenais. Aliás, não me parece ter sido mau, atendendo a que os alunos traziam já das classes anteriores uma preparação neste sentido quase exclusiva.

6.^a CLASSE

Só repetindo parte do que foi dito a propósito do ensino na terceira classe poderia exprimir com maior precisão o método adotado no ensino da Geografia às sextas classes.

O aluno que inicia os cursos complementares (e quantas vezes, infelizmente, aquele que os termina) é tão falho de personalidade como a maior parte dos alunos do curso geral. Há, porém, entre um e outro uma pequena diferença que é grandíssima nas suas consequências: o aluno do curso geral tem uma insuficiência de idade facilmente explicativa da impossibilidade de domínio de certas matérias de estudo, ao passo que o outro é entre nós falho de personalidade por motivos ainda não suficientemente aclarados.

Não é este, porém, o problema que nos importa neste relatório. Trata-se dos métodos empregados e a justificação do seu emprego já foi anteriormente feita.

Mais do que a retenção mnésica de noções, interessou-me levar o aluno ao uso arriscado da sua razão por sua própria conta e risco. Exposta parte do programa, com todo o rigor possível, durante algumas aulas, passava-se não a reexpor o já exposto mas sim a utilizá-lo em relações ainda não feitas ou só vagamente feitas nas lições anteriores. Assim, o aluno seria levado não só à fixação de noções úteis mas, o que importa mais, à compreensão e relação de factos que só por conveniência de estudo aparecem independentes. Foi esta a melhor forma de cumprir o programa na parte em que diz dever ser o estudo da Geografia, nos cursos complementares, interpretativo – elevando o aluno às noções gerais para conhecer as causas dos fenómenos e as leis que os regem.

As noções de cosmografia foram dadas como o programa exige, isto é, sem aparato demonstrativo exagerado e com o fim de radicar conhecimentos de que todo o homem instruído deve ser portador.

A Geografia Geral preencheu o resto do tempo com o estudo dos agentes externos e internos modificadores da crusta terrestre, tendo sido tripartido cada um destes capítulos: o primeiro em litosfera, hidrosfera, e atmosfera; o segundo em tectónica, sísmica e vulcanismo.

7.^a CLASSE

No limiar dos universitários deve dar-se ao aluno a visão de quanto a cultura é vasta e não sistemática. Foi-me possível isso nesta classe pela diversidade de matérias contida no programa.

A climatologia, a biogeografia e a antropogeografia são domínios novos para o aluno. Raras vezes o liceanista encontrou o homem como matéria de estudo. Tudo o fizera voltar para fora de si e para a natureza quase sempre morta. Agora o estudo da realidade homem, na sua evolução animal e social, era elemento de interesse para aclarar uma multidão de ideias que durante todo o curso tinha sido necessário fixar. A biogeografia permitira o estudo da vida, generalizando os conhecimentos particulares já aprendidos nas Ciências Naturais. A antropogeografia permitira a fixação de ideias gerais sobre os antepassados do homem atual e o esboço das teses criacionista e transformista e a síntese das duas como talvez mais próxima da realidade. A geografia económica permitiu esboçar a questão social em todos os seus aspetos e a desvalorização dos sistemas políticos que fundamentam no facto económico toda a ação social como o marxismo. Em contraposição, atendendo a que estes alunos seriam em breve homens desejosos de tomar posição, convinha esclarecer que as características que distinguem os homens entre si são as forças espirituais como expressão dos domínios mais profundos da vida: a ciência, a moral e a religião. Isto serviu-nos para marcar o valor da ciência no mundo atual, para estudar a evolução da moral através dos tempos segundo a moderna sociologia e para caracterizarmos o valor de espiritualidade dos diferentes povos em função da respetiva religião. Com algumas noções de política internacional em cumprimento de uma das rubricas do programa terminamos assim o capítulo de geografia geral. Passou-se ao estudo da geografia de Portugal e Colónias.

Enquanto que a geografia geral tinha por missão aumentar os conhecimentos dos alunos, este capítulo exigia preliminarmente dos alunos a intuição do valor das colónias portuguesas e a convicção profunda de que «*Portugal não é uma nação pequena*». Os fatores de colonização postos em prática pelos portugueses foram evidenciados e confrontados com os métodos usados por outras nações. Mais do que o catálogo seco das produções e riquezas

naturais, interessou-nos revelar o valor humano dos indígenas, os seus caracteres raciais e as suas possibilidades de civilização. A recente exposição colonial do Porto⁴¹ permitiu atualizar e reviver noções que, sem ela, ficariam abstratas e inúteis.

Procurámos assim contribuir para a formação da consciência nacional em relação aos seus domínios [coloniais].

⁴¹ - A Primeira Exposição Colonial Portuguesa, comissariada pelo Capitão Henrique Galvão, realizou-se de junho a setembro de 1934 no Palácio de Cristal; da abundante literatura que se produziu sobre o certame destaque-se: O Porto dos anos 30 – A Exposição Colonial 1934, <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2014/02/o-porto-dos-anos-30a-exposicao-colonial.html>; e Luísa MARRONI (2013) «Portugal não é um país pequeno». A lição de colonialismo na Exposição Colonial do Porto de 1934, *História, Revista da FLUP* 3, 4.ª série, Porto, 59-78.


Os resultados obtidos

Sendo este o primeiro ano de trabalho como professor agregado, é talvez cedo para falar dos resultados obtidos. Contudo, se me é lícito tomar conta dos resultados que de mim dependeram, posso dizer, sem excesso, que o aproveitamento foi o melhor possível.

Na primeira classe, o ensino atraente trouxe uma percentagem elevada de notas positivas.

Na terceira classe, mais do que as nossas próprias palavras pode o exercício junto do aluno n.º 15⁴² exprimir o resultado imediato conseguido com algumas lições.

O mesmo se pode dizer dos cursos complementares, embora nada de preciso e concreto se possa afirmar por ainda se encontrarem os alunos, na sua maior parte, a fazer exame de admissão à Universidade.

Como resultado imediato, posso ainda apontar uma conferência feita por um dos alunos no Liceu e durante a comemoração da Semana das Colónias.⁴³ 

⁴² - Anexo ausente.

⁴³ - A primeira semana do mês de maio de 1935.